

Médio Oriente

O que significará a guerra ao Iraque?

[O que significará a guerra ao Iraque?](#) George Joffé

Por mais que os discursos públicos de americanos e britânicos apontem para a inevitabilidade e premência do ataque ao Iraque, as incógnitas ainda dominam a análise. Haverá ataque, quando, com que apoios, internos e externos, com que consequências para o Iraque e para a região? Agora que o Iraque entregou as 12.000 páginas de descrição dos seus programas de armas de destruição maciça, o passo seguinte deveria, em teoria, ser claro. Se se considerar que a declaração é completa e se for confirmada pelas equipas de inspectores da UNMOVIC que estão no terreno, então o Iraque terá satisfeito as exigências da Resolução 1441 (2002) do Conselho de Segurança das Nações Unidas! Se assim não for, então, caso o Conselho de Segurança decida que Iraque se encontra em situação de “violação material” das suas obrigações perante a resolução, está aberto o caminho para a guerra. Um observador casual destes acontecimentos pode ser desculpado por pensar que, se vai haver uma guerra, as potências que a vão empreender já devem ter finalizado os seus planos, tanto para a guerra em si como para os tempos que se lhe seguirão. Estão, afinal, já a protestar e a falar de revelações incompletas, como se já estivessem na recta final para a guerra, pelo que já deve estar tudo pronto. Nada está mais longe da verdade! Apesar de os Estados Unidos estarem a deslocar tropas e equipamento para a região, particularmente para a base britânica de Diego Garcia e para o seu novo quartel-general no Qatar – a Arábia Saudita já explicitou que só autorizaria a utilização do centro de comando americano no seu território com a aprovação das Nações Unidas e, mesmo então, não permitirá o uso das suas bases aéreas – não existe, para já, nenhum plano acordado quanto ao que deve ser feito. A ideia de uma invasão terrestre maciça, após a destruição do Iraque pelo ar, está a dar lugar à preferência britânica de um cerco a Bagdad, resultante de movimentações do Norte e do Sul. Esta estratégia minimizaria as baixas Aliadas e evitaria confrontos corpo-a-corpo com tropas de elite como as divisões da Guarda Republicana (40.000), os fortes Guardas Presidenciais (10.000) ou mesmo os 20.000 fanáticos da Fida‘i Saddam; não se espera que o exército regular e o exército popular – Jaysh al-Quddus (exército de Jerusalém) – ofereçam muita luta.

Também não é clara a adesão da peshmerga curda (cerca de 20.000 homens), dividida entre o Partido Democrático Curdo e a União Patriótica do Curdistão, tradicionalmente rivais, se bem que haja pressões recentes para que constituam uma frente unida. A agenda curda limita-se a procurar garantir que o estatuto autonómico do Curdistão de 1975 seja a base das futuras relações com Bagdad. No que diz respeito aos xiitas, o Conselho Supremo para a Revolução Islâmica no Iraque do Ayatollah al-Hakim e as suas próprias forças pasdaran estão limitadas pela complexa luta pelo poder no Irão e não deverão ser grande ajuda para americanos e britânicos.

Depois, existe a oposição iraquiana no estrangeiro, que acabou de se reunir em Londres, onde acordou que o Iraque do futuro deve ser democrático e federal (e tudo isto deve ser alcançado no prazo de um ano!), mas não conseguiu chegar a consenso sobre a composição de um comité interino, que seria o governo de transição do Iraque. Aceitaram de braços abertos, obviamente, a oferta americana de 92 milhões de dólares para treino militar – dinheiro esse previamente autorizado pelo Congresso em 1998, mas retido por suspeitos acerca do seu devido uso – mas parece muito improvável que exista uma força militar iraquiana exilada significativa, caso a guerra se desencadeie nas próximas semanas ou meses.

De qualquer forma, nem sequer é claro quando é a guerra terá lugar. A sabedoria convencional aponta para o final da Primavera de 2003, pois após essa época as temperaturas serão demasiado elevadas. O Governo britânico contesta esta possibilidade, alegando que as forças aliadas podem lutar igualmente bem no Verão, dada a sua esmagadora superioridade. Provas circunstanciais que sustentam esta tese são a ausência de selecção das unidades britânicas destinadas ao Iraque, que também não foram inoculadas contra toxinas e químicos que as forças de Saddam Hussein possam contra eles usar, isto se ele mentiu sobre o seu programa de armamento. É claro que ele pode não as utilizar porque, como no passado, os Estados Unidos ameaçaram com retaliação nuclear se ele o fizesse. E também, mais uma vez, ele pode não ter tais armas!

Outra visão reflecte a política interna americana, com o chief-of-staff da Casa Branca Karl Rove a tentar desesperadamente evitar que aconteça o mesmo que aconteceu a Bush pai, quando atacou a meio do mandato e viu os frutos políticos desaparecerem devida à recessão económica. Assim, segunda esta perspectiva, os ataques serão adiados até à Primavera de 2004, assegurando uma vitória que sustente a próxima campanha presidencial. Mas, esta visão contradiz os argumentos dos neo-conservadores

americanos, cada vez mais influentes junto do presidente, apesar da sua relutante aceitação da necessidade de apoio das Nações Unidas aos seus planos. Estão ansiosos para começar os planos de democracia com efeitos dominó, segundo os quais um Iraque democrático, qual Fénix renascida, actuará como catalisador da democratização espontânea do Médio Oriente – que será aceite por Israel. A este projecto, agora conhecido como Iniciativa de Parceria Estados Unidos-Médio Oriente, foi atribuída a principesca soma de 29 milhões de dólares!

Todos estes esquemas necessitam de tempo para serem postos em prática e a administração Bush está a abandonar, relutantemente, as suas anteriores objecções à “construção da nação”. Agora, prevê-se uma prolongada administração do Iraque dominada pelos americanos, tendo sido atribuída uma verba de 75 mil milhões de dólares para a sustentar, bem como à guerra que a precederá. Outras contas feitas nos Estados Unidos sugerem que os cálculos estão muito subestimados e que toda a operação custará até 500 mil milhões de dólares, com 100 mil milhões adicionais para a reconstrução do país, após os seus habitantes terem sido bombardeados até à democracia. Obviamente que os Estados Unidos farão todos os esforços para garantir que o controle que assumirão do petróleo iraquiano garantirá as devidas compensações – isto se Saddam, num último gesto *Götterdämmerung*, não os destruir.

É difícil evitar concluir que os aliados anglo-saxões estão mal preparados para o que pretendem fazer. Também é significativo que os seus antigos apoiantes – Estados europeus, o Egipto e a Síria – não demonstrem sequer qualquer entusiasmo face às perspectivas de guerra. Mesmo a Turquia, sob o seu novo governo de Islâmicos moderados, e claramente condicionada pela incapacidade americana em fazer com que a União Europeia lhe abra as portas, parece pouca segura no apoio ao projecto americano. Mas, a base de Inçurlik é essencial para os planos americanos e já está ser usada, juntamente com bases no Koweit, na destruição das defesas aéreas iraquianas. O Koweit, por seu lado, decidiu igualmente que necessita do beneplácito das Nações Unidas antes de se envolver mais no projecto de destruição do regime de Saddam Hussein. Existem receios fundados que, mesmo que os governos árabes acedam à destruição do Iraque de Saddam Hussein, as suas populações não o farão, e que, eventualmente, o projecto neo-conservador se venha a dissolver num tumulto de violência terrorista, tanto na região como fora dela.

No entanto, tudo ainda pode acabar bem. Saddam Hussein pode ter revelado na íntegra os programas de armamento iraquianos; se não o fez, talvez as forças aliadas possam vencer rapidamente a guerra. O exército iraquiano pode revoltar-se contra o regime e pode emergir o tão esperado general que lidere um governo de transição. Uma administração Aliada após a vitória pode ser capaz de utilizar as estruturas administrativas existente e o Partido Baas de forma a garantir a gestão do país – como aconteceu na Alemanha depois da Segunda Guerra. Mas, nisto tudo, onde fica a democracia?